

O predomínio ibérico

Portugal e Espanha foram os primeiros países europeus a formar impérios coloniais ultramarinos. Por esse motivo, e por causa das riquezas que vinham de suas colônias, tornaram-se os países mais poderosos da Europa durante o século XVI.

Apesar disso, a Espanha gastou a maior parte dessas riquezas em guerras para consolidar a hegemonia de seus governantes na Europa e defender a fé católica. A intolerância religiosa trouxe prejuízos imensos para a economia ibérica: a expulsão dos mouros, judeus e protestantes, e a independência dos Países Baixos do Norte – a principal praça comercial da Europa – significaram a perda de capitais, trabalhadores e artesãos qualificados.

Em pouco tempo, Espanha e Portugal tornaram-se cada vez mais **dependentes** das nascentes potências industriais do norte da Europa.

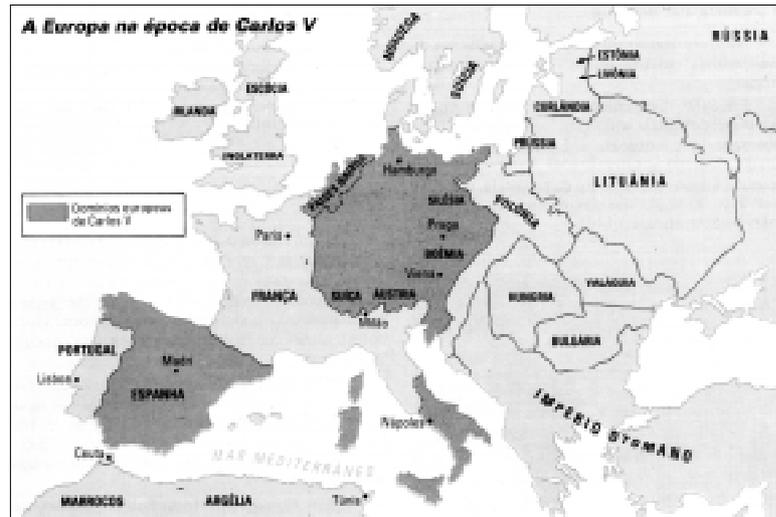
A supremacia espanhola

Os reis católicos Fernando e Isabel fortaleceram a monarquia, realizaram a unidade e transformaram a Espanha em uma potência colonial. O império herdado por Carlos V de Habsburgo era aquele “onde o sol jamais se punha”.

Em **1519**, Carlos de Habsburgo herdou as posses de seu avô Maximiliano, tornando-se Carlos V, imperador do Sacro Império Germânico. Mas Carlos V não era espanhol e nem sequer falava a língua espanhola. Por causa disso, enfrentou a resistência de movimentos populares que se negavam a pagar os impostos instituídos pela sua corte. Além disso, os verdadeiros interesses de Carlos V estavam na Europa: o império colonial espanhol era apenas um meio que o ajudava a financiar sua **política de guerras** na Europa.

As guerras entre Espanha e França

Durante a maior parte do século XVI, a Espanha e a França estiveram em guerra por causa de pretensões em torno do ducado de Milão e do reino de Nápoles, na península Itálica, além de territórios na Borgonha. Carlos V empreendeu cinco guerras contra a França.



Além da França, Carlos V teve de enfrentar os protestantes e os turcos, que sitiaram a capital de seu império, Viena, duas vezes. Em **1555**, entregou a coroa dos Países Baixos a seu filho, Filipe. Este, no ano seguinte, recebeu a coroa da Espanha e as posses italianas. A coroa do Sacro Império ficou com seu irmão, Fernando.

Filipe II

Para Filipe II, a unidade política de seu reino era uma **extensão da unidade religiosa**. Para garantir essa unidade, a Inquisição exerceu intensa atividade, fazendo cumprir os primeiros **autos-de-fé**, ou seja, atos públicos nos quais se executavam as penas determinadas pelo tribunal. A intransigência religiosa ditou a política externa de Filipe II, que interveio em todos os lugares onde a fé católica se viu ameaçada.

Filipe II perseguiu protestantes e eliminou qualquer vestígio das idéias reformistas na península Ibérica. Reprimiu uma rebelião dos mouros, descendentes dos árabes que haviam sido batizados. Anos depois, estes foram expulsos da Espanha, prejudicando seriamente a economia espanhola, pois muitos deles eram ativos comerciantes e agricultores.

O reinado de Filipe II, de mais de quarenta anos, marcou o **ápice** do poder espanhol. Apesar disso, o monarca teve de enfrentar as nascentes potências marítimas do Atlântico Norte: a **Holanda** e a **Inglaterra**.

A independência dos Países Baixos do norte

No norte da Europa, a situação tomou um rumo diferente. Impelidas por diferenças religiosas, as prósperas cidades protestantes dos Países Baixos se rebelaram contra a Coroa espanhola em **1568**. Em **1572**, os Países Baixos decretaram total tolerância religiosa, atraindo hereges marginalizados de outros países.

Portugal foi a grande vítima: quando os holandeses iniciaram a Guerra dos Oitenta Anos pela independência contra a Espanha, seus ataques mais pesados e mais persistentes se dirigiram contra as possessões coloniais portuguesas, mais do que contra as espanholas.

A partir do início das guerras contra a Espanha, os Países Baixos do norte acolheram imigrantes que escapavam das perseguições religiosas nos Países Baixos do sul (Flandres) e em outros pontos da Europa, inclusive Espanha e Portugal. Eram judeus e protestantes, a maior parte deles artesãos, comerciantes e capitalistas.

Em pouco tempo, as ruas comerciais de Antuérpia, outrora as mais movimentadas da Europa, tornaram-se sombrias e silenciosas. A política brutal do duque de Alba, enviado por Filipe II para reprimir os rebeldes, permitiu que a Espanha preservasse uma parte de seus domínios flamengos, embora sem sua principal riqueza em recursos humanos e capital.

As **Províncias Unidas** formavam uma associação de sete Estados minúsculos e densamente povoados. Viviam de uma agricultura altamente especializada e do acabamento de produtos manufaturados produzidos por outros países, como Inglaterra, França e Alemanha.

Esses produtos eram reexportados para o resto da Europa, principalmente para a Espanha e Portugal. Isso ajuda a explicar o sucesso da República das Províncias Unidas do Norte e seu domínio da economia mundial européia durante um século.

Outros fatores, porém, transformaram os rebeldes numa potência marítima que desafiou os impérios de Espanha e Portugal.

O **comércio com os países bálticos** foi peça fundamental na consolidação do domínio holandês sobre a economia mundial européia. Durante o século XV, navios holandeses carregados com conservas de peixe e sal competiam no Báltico com os comerciantes da Liga Hanseática.

Em **1554**, Amsterdã tornou-se o principal porto de distribuição de grãos provenientes do mar Báltico. Alguns anos mais tarde, 70% do comércio báltico estava em mãos holandesas.

Essa era, por assim dizer, a **fonte da riqueza** dos Países Baixos. Os grãos do Báltico alimentavam, via Amsterdã, os países da península Ibérica.

O comércio báltico de madeiras e suprimentos para construção naval era importantíssimo: uma das chaves do sucesso holandês foi a sua florescente indústria naval, de alta tecnologia. Amsterdã logo tornou-se o **maior centro de construção naval da Europa**.

Em pouco tempo, Amsterdã dominou o transporte de mercadorias da Europa, penetrando inclusive no Mediterrâneo. Em **1550**, suas embarcações dominavam as rotas entre os portos da península Ibérica e o norte da Europa. Sua frota era maior do que a de toda a Europa somada, e nenhum outro país europeu batia os custos dos fretes holandeses.

No final do século XVI, as Províncias Unidas não só despontavam como a nova potência marítima do Atlântico Norte, mas tornavam-se o entreposto por excelência de tudo quanto era produzido. A superioridade de Amsterdã se baseava na imensa capacidade de armazenamento, na disponibilidade de produtos e na grande massa de dinheiro circulante que movimentava seus negócios. Portanto, além de ser o entreposto da nascente economia mundial européia, Amsterdã era o seu **centro financeiro**.



Filipe II

A guerra pelos produtos coloniais

No final do século XVI, os holandeses controlavam cerca de 66% dos fretes entre o Brasil e Portugal. Além disso, uma boa parte do açúcar exportado pela colônia era pago por comerciantes holandeses. Amsterdã contava com aproximadamente 25 refinarias que utilizavam açúcar brasileiro.

Mas, para firmar seu domínio sobre a economia mundial européia, faltava aos holandeses capturar as rotas do comércio a longa distância de produtos asiáticos e americanos. Foi a conquista dessas rotas, sobretudo a asiática, que consolidou a liderança de Amsterdã na economia mundial européia, marcando o **declínio dos portugueses no Oriente**.

A guerra contra as possessões espanholas se travou em quatro continentes e nos sete mares. Essa longa guerra colonial assumiu a forma de uma luta pelo comércio das especiarias asiáticas, pelo comércio escravista da África ocidental e pelo comércio do açúcar brasileiro.

Durante a guerra, os holandeses ocuparam uma parte do **nordeste do Brasil**, entre 1630 e 1654.

A luta contra a Inglaterra

O reinado de Filipe II caracterizou-se pela disputa constante com a Inglaterra de Isabel (Elizabeth) I. Navios ingleses praticavam intenso contrabando. Corsários atacavam as frotas do tesouro que vinham do México e do Peru. Além disso, a Inglaterra havia aderido à religião reformada.

A empresa militar foi cuidadosamente preparada. Uma poderosa frota de 130 navios partiu rumo à Inglaterra em **1588**. Uma tempestade ajudou a destruir grande parte da **Armada Invencível** espanhola. No final da expedição, apenas metade das embarcações retornou aos portos espanhóis. A derrota da armada marcou o início da **decadência espanhola** e o começo da **expansão marítima inglesa**.

A Armada de Filipe II.



A união ibérica

Em **1578**, o rei de Portugal, d. Sebastião I, morreu na tentativa de ataque a Alcácer-Quibir, no Marrocos. Filipe II da Espanha, cuja mãe era princesa portuguesa, fez valer suas pretensões e anexou o reino nesse mesmo ano.

Filipe II implementou uma política prudente em Portugal: respeitou os privilégios da nobreza e as instituições locais. Além disso, nomeou funcionários portugueses para ocupar os cargos administrativos. O império colonial português continuou sendo administrado por funcionários portugueses.

Resultados da política interna de Filipe II

Com a morte de Filipe II, em **1598**, a Espanha perdeu o representante mais significativo da família Habsburgo, ou Casa de Áustria. Filipe II fixou o absolutismo real na Espanha, submetendo a nobreza e os privilégios das cidades.

Os resultados de sua política absolutista foram os seguintes:

- Filipe II colocou a Igreja sob sua tutela e utilizou a religião para reforçar sua autoridade;
- buscou apoio nas **Juntas** (conselhos) criadas para assessorá-lo, mas assumiu a responsabilidade por todas as decisões tomadas;
- criou uma monarquia absolutista que impôs a ordem interna sem concessões.

A maior parte das manufaturas consumidas no imenso império espanhol era produzida em outros lugares, principalmente nos Países Baixos e na Inglaterra. No final do reinado de Filipe II, a Espanha havia se tornado um **Estado dependente**. O ouro e a prata de suas colônias americanas eram sua única fonte de riqueza e poder.

A Europa de Filipe II

Durante o reinado de Filipe II, toda a política europeia girou em torno dos Habsburgos. Carlos V procurara fortalecer seu império contra a França e sufocar a rebelião protestante. Filipe II viveu obcecado em impor o predomínio católico e espanhol em toda a Europa. Durante o século XVI, todos os países da Europa giravam em torno dos interesses da Espanha.

O Sacro Império

Carlos V foi considerado o construtor da grandeza da Espanha. O Sacro Império, entretanto, começou a desmoronar durante seu reinado. A rebelião protestante, liderada por Lutero com apoio dos príncipes alemães, introduziu a divisão, selada pela Paz de Augsburgo.

Os sucessores de Carlos V não conseguiram restabelecer a autoridade imperial. Além disso, a ameaça dos turcos, que compartilhavam fronteiras com o Império, introduziu outros fatores que complicaram o quadro interno.

O Império assimilou a Hungria e a Boêmia para enfrentar o inimigo turco. Na Boêmia, logo surgiram tensões entre germanos e eslavos. A Hungria foi utilizada pelos turcos como base de suas operações contra o Império.

A França

A França empreendeu cinco guerras contra Carlos V. Após meio século, a **Paz de Cateau-Cambresis**, em **1559**, encerrou os conflitos com o Sacro Império. A partir de então, toda a política expansionista francesa se dirigiu para o leste, na tentativa de estabelecer fronteiras “naturais” com a Alemanha.

Internamente, as guerras de religião dividiram o país. Os calvinistas franceses, chamados de **huguenotes**, lutaram durante 35 anos contra os católicos. O conflito começou em **1572**, na **Noite de São Bartolomeu**, quando os huguenotes foram assassinados em massa.

A partir daí, os conflitos dominaram o reino. Nesse processo, a **dinastia dos Valois** foi aniquilada. **Henrique de Bourbon** assumiu o trono francês em **1594**, mas teve de renegar o calvinismo.

A guerra civil terminou em **1598**, com a promulgação do **Edito de Nantes**, que garantiu a liberdade de culto para católicos e calvinistas.

A Inglaterra

Na dinastia **Tudor** fez-se a grandeza da Inglaterra durante o século XVI.

Henrique VII (1485-1509) acentuou a centralização do poder real e pacificou o país após uma guerra civil, a chamada **Guerra das Duas Rosas**.

Henrique VIII (1509-1547) foi responsável pelo cisma religioso. Seus filhos **Eduardo VI** e **Maria I** reeditaram o clima de perseguições iniciado após a ruptura com a Igreja de Roma.

Isabel (Elizabeth) I assumiu o trono em **1558** e instituiu uma tirania civil e religiosa.

Inimiga irreconciliável de Filipe II por questões religiosas, ela patrocinou o **corso** contra as frotas e posses espanholas na América. Em **1570**, iniciou a **reforma anglicana**.

A rainha dedicou toda sua energia à organização da Igreja Anglicana e ao triunfo da Reforma em todos os países nos quais eclodiram conflitos religiosos. Interveio na França e nos Países Baixos, contra a Espanha.

Internamente, deu impulso decisivo à economia nacional, à agricultura e à pecuária, à produção de manufaturas e ao comércio, com a criação de companhias de comércio. No século seguinte, Londres tornou-se o **principal porto da Europa**.

Em 1588, uma companhia de comércio fundou a colônia da **Virgínia** na América do Norte. A fundação dessa colônia marcou o início da **expansão colonial da Inglaterra na América**.

A Escócia

Durante o século XVI, a Escócia era um reino independente governado pela **dinastia Stuart**. Em meados do século, a rainha **Maria** tentou restaurar o catolicismo, mas teve de enfrentar a resistência dos calvinistas. Fugiu para a Inglaterra, onde foi presa pela prima Isabel (Elizabeth) I e decapitada em **1587**. Seu filho **Jaime** herdou o trono da Inglaterra após a morte de Isabel I, unindo os dois reinos.

Exercícios

Exercício 1

Por que a Espanha – depois de ter sido, juntamente com Portugal, um dos países mais poderosos da Europa – tornou-se dependente das nascentes potências industriais do norte da Europa?

Exercício 2

Por que Portugal foi vítima do expansionismo dos holandeses?

Exercício 3

O que foi a Noite de São Bartolomeu?

